



Intercâmbios agroecológicos como metodologia de ATER no Projeto Bahia Produtiva

Agroecological exchanges as an ATER methodology in the Bahia Produtiva Project

MAURI, Rafael¹; OLIVEIRA, Cibele²

¹ SASOP, mauri.rafael@gmail.com; ² SASOP, cibelesasop.org.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: O Projeto Bahia Produtiva é uma iniciativa do governo do Estado da Bahia, com o objetivo de aumentar a integração ao mercado, a inclusão econômica e social de mulheres, jovens e comunidades tradicionais, fortalecer as organizações da agricultura familiar e promover a segurança alimentar e nutricional e a agroecologia como caminho para adoção de práticas de gestão e conservação sustentável dos recursos naturais. Os Intercâmbios Agroecológicos foram a principal ferramenta metodológica de execução das atividades de ATER do Projeto Bahia Produtiva pelo SASOP e demonstraram potencial inovador na construção do conhecimento agroecológico e fortalecimento das organizações da agricultura familiar no Território do Baixo Sul da Bahia. O empoderamento das mulheres e juventude, o manejo agroecológico dos agroecossistemas e o resgate e valorização dos conhecimentos ancestrais também foram resultados obtidos da realização dos intercâmbios agroecológicos.

Palavras-chave: agricultura familiar; metodologia participativa; políticas públicas.

Introdução

O Projeto Bahia Produtiva é uma iniciativa do governo do Estado da Bahia, executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR, empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural – SDR, a partir de Acordo de Empréstimo firmado entre o Estado e o Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento. Sua implementação é realizada a partir de um arranjo diferenciado, cuja teia de relações envolve investimentos nas organizações da agricultura familiar e na contratação de instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

No território do Baixo Sul, é executado pelo Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP) e busca fortalecer e ampliar a inclusão produtiva, a gestão e o acesso a mercados das organizações da agricultura familiar, em sua maioria associações. O SASOP tem o papel de assessoramento na formação e capacitação técnica e pedagógica, bem como de acompanhamento ao processo de instalação e implementação dos investimentos junto às associações. O presente relato aborda atividades de Intercâmbios Agroecológicos como ferramenta metodológica de execução das atividades de ATER do Projeto Bahia Produtiva, descritos aqui em quatro das 24 comunidades rurais assessoradas pelo SASOP: Pedra Rasa e Porto do Campo, no município de Camamu, Jatimane, em Nilo Peçanha e Cascalheira, em Valença, no período de fevereiro de 2021 a abril de



2022, sendo a primeira política pública acessada via CNPJ dessas quatro organizações comunitárias apresentadas.

O objetivo deste trabalho é contribuir para a discussão, reflexão e debate sobre o potencial metodológico dos intercâmbios agroecológicos na construção do conhecimento agroecológico e fortalecimento da agricultura familiar.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a dos Intercâmbios Agroecológicos, inspirados na metodologia já consolidada na Zona da Mata de Minas Gerais (Zanelli e Silva, 2017; Mauri et al., 2017) aconteceram, de modo geral, de acordo com o seguinte passo a passo: 1. Mobilização: ação do agente comunitário rural e técnico do SASOP; 2. Mística de abertura: geralmente uma oração, resguardando o hábito da cultura local; 3. Apresentação dos participantes; 4. História da família: sentados em círculo, a família conta sua história junto àquele lugar em que vivem; 5. Caminhada pela propriedade: momento de interação com os agroecossistemas visitados em que durante a caminhada solicita-se que cada participante pegue um “elemento gerador” (folha, galho, planta, terra etc); 6. Socialização dos elementos geradores: cada um/a apresenta seu elemento e o porquê de tê-lo escolhido; 7. Trocas de sementes e mudas: momento mais aguardado por todos/as, contudo, leva tempo para criar-se o hábito de todos levarem mudas e sementes, logo nem sempre era possível realizar esta etapa; 8. Merenda agroecológica; 9. Encaminhamentos e definição da temática da próxima visita de intercâmbio; 10. Mística de encerramento e agradecimentos.

Resultados e Discussão

De acordo com Zanelli e Silva (2017, p. 641), “os Intercâmbios constituem um programa destinado à formação de agricultores em Agroecologia que tem como princípio o diálogo de saberes entre o conhecimento popular e o conhecimento científico, visando à superação dos desafios vivenciados pela agricultura familiar camponesa na região”.

1) Associação dos Moradores e Produtores da Comunidade Remanescente de Quilombos da Pedra Rasa: a comunidade quilombola da Pedra Rasa está localizada nas margens da Baía de Camamu, rodeada por manguezais e muitas palmeiras de piaçava. O objetivo do projeto Bahia Produtiva é a construção de um espaço comunitário com cozinha coletiva, atelier de artesanato e vassoura de piaçava com aquisição de maquinários e formação em acesso a mercados. O intercâmbio agroecológico de tema “Linha do tempo” buscou construir a história da comunidade e associação por eles próprios, na interação entre os mais velhos e mais novos. A conversa foi sobre ancestralidade e o cuidado com a terra e produção de alimentos saudáveis, história do artesanato na comunidade e o processo de reconhecimento enquanto comunidade quilombola, demorado e ainda em curso pela inerente complexidade. Propiciou aos beneficiários uma maior apropriação de sua história e consequente empoderamento para a capacidade de conquistas coletivas a partir do associativismo. Desse modo, os/as participantes puderam voltar esse olhar para a



sua proposta enquanto empreendimento e ativar os ânimos para os desafios ainda impostos.

O intercâmbio de tema “Limpeza da piaçava” teve como objetivo o resgate do trabalho coletivo e saber tradicional. A fibra da piaçava é extraída da palmeira e precisa passar por processos de limpeza até chegar-se à fibra pronta para o artesanato. Tal processo é um saber passado de geração em geração que aos poucos está se perdendo devido à desvalorização do trabalho manual que leva à falta de interesse da juventude. Foi possível uma rica troca de saberes intergeracionais com muita prosa e contação de histórias. Dona Maria das Candeias, por exemplo, é uma liderança comunitária que contou sua história quando tinha uns dez anos de idade e foi “dada” para ser criada por uma família com maiores condições econômicas que a sua. Ela recorda os trabalhos que era obrigada a fazer e conclui que “acha” que passou por trabalho análogo à escravidão. Sua filha, Leidiane, que também estava presente, nunca havia escutado essa história.

2) Associação dos Marisqueiros e Remanescentes de Quilombo do Porto do Campo: a comunidade quilombola do Porto do Campo está localizada na Baía de Camamu com acesso somente por embarcações. O objetivo do Bahia Produtiva é a reforma do píer de acesso à comunidade e a construção de sistemas PAIS – Produção Agroecológica Integrada e Sustentável visando a Segurança Alimentar e Nutricional. Os intercâmbios de tema “Hortas nos quintais” foi a principal atividade desenvolvida para manejo dos quintais das beneficiárias. A maioria dos quintais da comunidade dispõe de pouca diversidade de plantas, com maior concentração de chás e temperos. A dificuldade de acesso à água é um dos fatores limitantes, bem como as condições edáficas com solos arenosos, além da maior aptidão local por trabalho com pesca artesanal e mariscagem. Para manejo dos quintais a missão foi coletar, no território da comunidade, elementos para aumentar a fertilidade do solo: esterco de gado, bucha de dendê e serrapilheira foram os principais materiais utilizados. A partir dos intercâmbios, cada quintal passou a ter pelo menos um canteiro produzindo salsa, coentro, cebolinha, cenoura, couve, alface, alfavaca fina e grossa dentre outras espécies, que puderam enriquecer a alimentação das famílias com alimentos frescos e sem agrotóxicos e adubos químicos. Durante as atividades houve muita conversa e troca de conhecimentos novos e ancestrais da produção de alimentos, entre técnicos e moradoras/es, apontando-nos que na agricultura e agroecologia não tem receita pronta. Várias são as práticas e costumes que no final cumprem o objetivo da produção de alimentos saudáveis para autoconsumo ou comercialização.

3) Associação Comunitária do Jatimane: a comunidade quilombola do Jatimane tem configuração de uma pequena vila que dista 8 km da famosa praia do Pratigi, município de Nilo Peçanha. O Projeto Bahia Produtiva tem como objetivo o fortalecimento da produção de artesanato de piaçava e do turismo de base comunitária. Uma das atividades realizadas foi o “Intercâmbio de saberes com a comunidade quilombola da Pedra Rasa”. Com um rio cortando a comunidade,



trabalham há um tempo no ramo do turismo de base comunitária com hospedagens organizadas, restaurantes especializados na comida típica local (tainha defumada e moquecas, por exemplo), jardim sensorial e loja de artesanatos e biojóias produzidos localmente. Passeios pela mata, cachoeira e rio, manifestações culturais como a Comédia (histórias cantadas) e o Samba de Roda também integram o roteiro turístico. Juntas, as mulheres de ambas as comunidades fizeram todo o circuito e puderam mergulhar umas nas histórias de luta e resistências das outras. Ao final, após o almoço típico, as mulheres da Pedra Rasa apresentaram um samba de roda como forma de agradecimento. O intercâmbio de tema “Alimentos tradicionais ou PANCs” discutiu como a alimentação saudável e adequada está a cada dia mais ameaçada pela chegada fácil, barata e ilusória dos ultraprocessados. A culinária Dayse Costa apresentou inúmeras possibilidades de preparos de muitas plantas que não se comem habitualmente e que agora poderão cozinhar e potencializar nutricionalmente seus cardápios, todas presentes nos quintais da comunidade. Despertou-se a ideia de inserção de tais pratos no roteiro turístico, desde pratos nos restaurantes à inserção dessas plantas tradicionais no Jardim Sensorial.

4) Associação de Agricultores Familiares e Produtores Rurais da Cascalheira do Jequiriçá: a comunidade da Cascalheira fica no topo de um planalto cortado pelo Rio Jequiriçá. O objetivo do Bahia Produtiva é a construção de uma unidade de beneficiamento do dendê, além das ações de SAN. Um dos intercâmbios realizados foi o de “Produção de mandioca e derivados”. A mandioca e seus derivados ocupam um lugar de destaque na tradição alimentar do Baixo Sul da Bahia, como dito por Seu Mauro, um dos beneficiários do Bahia Produtiva, “a mandioca é a rainha na mesa dos baianos!”. O intercâmbio, na casa de farinha de Seu Mauro e Dona Mariinha, compreendeu desde o descasque da mandioca até a produção dos derivados como bolo de puba na folha de bananeira, beiju de goma, beiju de massa fresca e farinha de tapioca com coco, com todos os ingredientes locais e atividades lideradas pelas mulheres. Sentadas/os em roda com um monte de mandioca no centro é a forma tradicional do descasque, onde cantos de trabalho antigos foram entoados e expressado o lamento de que hoje em dia ninguém mais canta. A produção coletiva da farinha e demais derivados da mandioca despertou que há muito não se realizavam encontros dessa natureza na comunidade, onde os trabalhos individuais de cada família dão lugar aos trabalhos coletivos. Foi um importante momento de resgate cultural e simbólico, de saberes tradicionais ligados à soberania e segurança alimentar e nutricional da comunidade.

Os intercâmbios com a temática de “Quintais agroecológicos” foram os mais frequentes na comunidade. Além de todas as questões técnicas da produção de culturas como o cacau, cravo, mandioca, milho, feijão e dendê, tais encontros revelam uma enciclopédia viva dos saberes tradicionais relacionados ao uso das plantas medicinais. Dona Rosa, uma das agricultoras, não dava dois passos sem abaixar e mostrar uma planta e para que servia. De acordo com a mesma, não toma remédios de farmácia e usa as plantas para qualquer enfermidade, física ou espiritual, e que aprendeu tudo isso com sua mãe muito tempo atrás. Muito saber a



ser compartilhado sobre as plantas e seus usos. Animadas, as mulheres da Cascalheira são protagonistas do cuidado com a casa, quintal e roçado, atuando como chefes de família. São donas de uma consciência coletiva do bem-viver que transcende o senso comum e, por isso, davam força e vida aos intercâmbios, apesar de toda a dificuldade que a associação enfrenta ante o desânimo da maioria dos/as associados/a.

De modo geral, os intercâmbios de saberes enquanto metodologia de ATER se mostraram eficientes na animação das/dos agricultoras/es participantes do Projeto Bahia Produtiva. Atrair e conquistar a confiança das famílias agricultoras é o primeiro

e importante passo para o sucesso de um trabalho de ATER. Uma vez que todos e todas são protagonistas na construção de saberes, invertendo a lógica da ATER convencional em que o/a técnico/a é dono/a do conhecimento e os/as agricultores/as só recebem (Freire, 1987), a premissa da horizontalidade gera confiança na instituição prestadora de ATER e entre os participantes, os quais abrem as portas de suas casas na expectativa e desejo de desenvolvimento comunitário. Como apresentado em cada uma das experiências, são inúmeras as possibilidades de temáticas a serem trabalhadas por meio dos intercâmbios, o que evidencia sua versatilidade enquanto ferramenta de construção do conhecimento agroecológico. Esse processo de construção não é linear e perpassa também pela desconstrução de conhecimentos e quebra de paradigmas consolidados pela chamada Revolução Verde (Moreira, 2000). No coletivo, a abordagem de assuntos delicados como o uso de agrotóxicos, adubos químicos e monoculturas, alimentação saudável, importância da autonomia social e econômica das mulheres, se torna mais fácil uma vez que o/a técnico/a deixa de centralizar o discurso e outras vozes se somam aos assuntos pertinentes para a transição agroecológica.

Os intercâmbios também evidenciaram o nítido processo de erosão de saberes tradicionais ligados à cultura e agricultura locais e, ao mesmo tempo, têm o potencial de desvelar, abrilhantar, tocar para a potencialidade existencial da vida no campo. A juventude que participa é quem relata esse feito, apontando vontade de morar na roça como caminho. Os saberes tradicionais, desde aqueles ligados à alimentação e saúde integral, passando pelos artesanatos e manifestações culturais, são de uma riqueza tão grande que ao serem novamente vivenciados trazem ânimo e alegria para quem ali, coletivamente, se alimenta deles. A cada intercâmbio a vontade de estar juntos aumenta e as trocas de experiências são, nitidamente, combustível para avançar na produção agroecológica quando voltam para suas casas, quintais, roçados. Tal feito podemos atribuir também ao que temos chamado de ancestralidade. A troca intergeracional de saberes tradicionais e modernos é um marco de fortalecimento da agricultura familiar e suas organizações e da identidade de cada morador/a dessas comunidades que vem se conectando com seus ancestrais na busca por um viver mais digno e justo. Outro feito de ressalva importante, não desconexo da ancestralidade, é a participação majoritária das mulheres e seu papel fundamental na construção do conhecimento



agroecológico (Ferreira, 2009). São elas as mais comprometidas com a saúde em todas as dimensões. Enriquecem os intercâmbios com suas histórias de vida e brilho dos olhos que guardam a tanto custo, pois também carregam dores compartilhadas em momentos de prosa dos nossos encontros. São nutridas por uma força que, apesar de tudo, as mantém de pé e com esperança de dias melhores. São todas mulheres negras e, felizmente, a pauta do racismo tem ganhado espaço no movimento da agroecologia. Apesar de todos os desafios vivenciados pelas mulheres negras e quilombolas, frutos do racismo e do patriarcado, as mesmas tomam de frente o movimento de mudanças que a vida no campo urge para a construção de um bem-viver comum. Nesse sentido, muito ainda temos a avançar nas pautas do feminismo e do racismo e é importante reconhecer que, apesar da constatação da maioria de mulheres negras e quilombolas nas atividades aqui apresentadas, pouco ou quase nada se abordou em relação a essa temática, urgente na construção do conhecimento agroecológico.

Também foi e continua sendo desafio a merenda agroecológica como passo de realização dos intercâmbios de saberes. As famílias agricultoras do território são, em sua maioria, muito carentes. Trata-se de uma realidade em que solicitar que levassem alimentos em todos os encontros poderia ocorrer em desistências. O uso do recurso público exige que a prestação de contas seja a partir de comprovantes fiscais reconhecidos pela secretaria da fazenda do estado, inviabilizando a compra dos produtos das comunidades. Encontrar alternativas para isso também é importante para uma ATER que fortaleça a cultura alimentar local conectada com geração de renda.

Conclusões

Os intercâmbios de saberes proporcionaram o fortalecimento comunitário, o resgate e valorização de saberes ancestrais, o protagonismo das mulheres, o empoderamento de jovens, o aumento da segurança alimentar e nutricional e a perspectiva de avanços contínuos na construção do conhecimento agroecológico e fortalecimento da agricultura familiar na busca por qualidade de vida no campo. Ainda é desafio a continuidade de políticas públicas como o Projeto Bahia Produtiva no âmbito estadual e a construção de novas políticas de ATER no âmbito federal que venham de encontro com a construção do conhecimento agroecológico e o reconhecimento e valorização da agricultura familiar em todo seu potencial como modo de vida no campo e como promotora de uma alimentação saudável para todos e todas, atrelada aos pilares da preservação ambiental, enfrentamento às mudanças climáticas, direitos humanos e inclusão social.

Referências bibliográficas

FERREIRA, Ana Paula L. A Importância da Perspectiva Agroecológica no Empoderamento das Mulheres Camponesas: Processo Mulheres e Agroecologia como Estudo de Caso. **Revista Brasileira De Agroecologia**, v. 4, n. 2, 2009.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1987.

MAURI, Rafael; ZANELLI, Fabrício V.; CARDOSO, Irene M.; AMORIM, Gilvânia D. de; CARLESSO, Anacleto. Intercâmbios agroecológicos: aprendizados coletivos e assistência técnica compartilhada. A experiência de Divino - Minas Gerais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 12, n. 1, 2017.

MOREIRA, Roberto J. Críticas ambientalistas à revolução verde. **Estudos sociedade e agricultura**, 2000.

ZANELLI, Fabrício V.; SILVA, Lourdes H. da. Intercâmbios agroecológicos: processos e práticas de construção da agroecologia e da educação do campo na zona da mata mineira. **Perspectiva**, v. 35, n. 2, p. 638–657, 2017.